

DA GUERRA, O DIA MAIS LONGO

MAURO DOS SANTOS e SHEILA MAZZOLENIS,
Do Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil

O dia e a hora dependiam do tempo. A operação fôra marcada inicialmente para maio, mas Eisenhower resolveu transferi-la. Consistia em transportar, através das agitadas águas do canal da Mancha, um dos mais poderosos exércitos já formados. Seria o início da ofensiva aliada para libertar a Europa da ocupação nazista. O local era segredo absoluto. Os alemães sabiam do ataque, mas ignoravam quando, onde e como. Acreditavam que seria um Calais, que pouco dista da costa inglesa de Dover. Os aliados alimentavam a crença, deslocando tropas e sobrevoando a região. As tropas alemãs, já surradas em combates na Europa Oriental, temiam o confronto em nova frente. Rommel foi mandado à França organizar a defesa. Sem grandes recursos, fêz o que pôde, mas não chegou a terminar o projetado sistema de fortificações por onde, segundo Goebbels, não passaria nem um rato. As forças aliadas, acantonadas na Inglaterra, esperavam pelo tempo. Nos primeiros dias de junho êle vetou a operação. No dia 5, o Comando Supremo Aliado se reuniu. O Coronel Stagg mostrou o boletim meteorológico: uma zona de alta pressão poderia oferecer 36 horas de bom tempo. Eisenhower não vacilou: "Atacaremos amanhã, senhores." O Dia D estava marcado. A Hora H — 6h35m. Local de desembarque — a costa da Normandia. Tudo isso há um quarto de século, em 6 de junho de 1944.

Os antecedentes

Teerã, 28 de novembro de 1943: Churchill, Stalin e Roosevelt encontram-se para a I Conferência dos Três Grandes. Durante uma semana discutem os problemas dos aliados na II Guerra Mundial e fixam o plano da campanha para 1944. A reunião termina no dia 5 de dezembro e cinco são as decisões tomadas:

1) Apoio aos *partisans* da Iugoslávia através de suprimentos, equipamentos e operações do comando aliado;

2) Apêlo para que a Turquia declare guerra ao Eixo antes do final do ano;

3) Ameaça de Stalin de atacar a Bulgária, caso ela entre em guerra com a Turquia que havia decidido combater a Alemanha, junto aos aliados;

4) Acôrdo para os Três Grandes intensificarem suas operações na Europa.

5) Marcar para maio de 1944 a Operação Overlord — travessia do canal da Mancha e assalto às praias da Normandia pelas forças aliadas. A abertura da

frente de batalha na Europa Ocidental pela Operação-Overlord planejada durante a Conferência de Quebec, em agosto de 1943, seria acompanhada de um desembarque no Sul da França e de uma ofensiva russa no *front* oriental, a fim de impedir a transferência de tropas alemãs para o Oeste.

Marcada a invasão da França, inicia-se a corrida do tempo em direção ao Dia D, Hora H. Os aliados passam a viver o começo do fim da II Guerra Mundial.

Os preparativos da invasão

Desde o início ficara decidido que a Inglaterra seria a base territorial da Operação Overlord. Em janeiro de 1944, Eisenhower chega a Londres e assume o comando do SHAEF (Supreme Headquarters Allies Expeditionary Forces — Quartel General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas) em substituição ao General inglês Frederick Morgan. Para os comandos do Exército, Marinha e Aeronáutica, é nomeada, respectivamente, o General Montgomery, Almirante Ramsey e Marechal-do-Ar Leigh Mallory.

A execução da Operação-Overlord já vinha sendo posta em prática desde meados do ano anterior pelo General Morgan. Entretanto, seu plano — prevendo três divisões terrestres e uma aérea — é criticado por Montgomery e Eisenhower.

— Mudem os planos ou mudem-me de posto — exigia Montgomery.

A exigência é atendida. O número de divisões para o assalto

por terra é elevado para cinco e o transporte aéreo ganha mais duas divisões.

“Razões militares obrigaram-nos a elevar numericamente as forças de desembarque. De um lado, precisávamos colocar em território francês, desde o primeiro dia, o maior número possível de tropas. Por outro, tínhamos de considerar a possibilidade de uma resistência nazista bastante forte para tornar impossível a consolidação imediata de nossas posições” — escreveria Eisenhower mais tarde.

A data para a realização do desembarque é também modificada: passa de 1º de maio para o início de junho. Os aliados poderiam, assim, contar com mais um mês de produção industrial.

De janeiro a maio as forças aliadas vão se acumulando na Inglaterra. Dos Estados Unidos, duas vezes cada mês, chegam soldados, trazidos pelos navios *Queen Mary* e *Queen Elizabeth*; materiais e abastecimentos, transportados em pequenas embarcações. Aos poucos, os 1.750 mil soldados ingleses, 100 mil americanos, 175 mil do Império Britânico e 44 mil voluntários de várias nacionalidades vão formando um exército de 3.500 mil homens e 20 milhões de toneladas de equipamento, segundo revela Raymond Cartier.

Como transportar pela Mancha — um mar difícil, com marés e correntes desiguais — um exército tão numeroso e pesado?

Os aliados não deixam o desafio sem resposta. Constroem os *landing ships* e os *landing crafts* — chatas a reboque ou a motor, com um dos lados móvel, permitindo

o desembarque de tropas nas praias. Outro problema são os portos e instalações apropriadas ao encostamento dos navios. Mas a solução é também encontrada: os portos artificiais.

Estes portos, os *mulberry harbours*, têm uma técnica de construção complexa — primeiro, navios velhos são afundados por lastros de cimento; depois, reforçados por alinhamentos flutuantes, feitos de cilindros de aço e concreto; em seguida, êsses quebra-mares ganham suas peças principais: caixões de cimento armado, altos como edifícios de cinco andares. Os diques assim improvisados protegerão uma superfície de cerca de 100 mil metros quadrados de água, onde vários cais, formados de grandes caixas, ficarão ligados às praias por vigas metálicas. Sete navios e trinta *landing crafts* poderão atracar ao mesmo tempo nestes portos artificiais, que se estenderão por muitos quilômetros. Prazo de construção: 15 dias.

Operação-Netuno

Em abril, os planos para a invasão da Normandia estão quase prontos. Os primeiros objetivos do ataque incluem as cidades de Caen, Bayeux, Isigny e Carenten. Quando elas estivessem em poder dos aliados, os americanos avançariam pela península de Cotentin, tomando Cherbourg. Os ingleses protegeriam o flanco americano de um possível contra-ataque nazista vindo do Oeste e ganhariam a região Sul e Sudeste de Caen, onde construiriam campos de pouso. Três semanas depois da invasão, os aliados po-

deriam rumar para Leste, em direção a Paris; Nordeste, descendo o Sena; Oeste, para libertarem os portos do litoral da Bretanha.

No final de maio, os preparativos para a tomada da França estão terminados. São quase 40 mil aviões, para missões de bombardeio e transporte de paraquedistas, dando apoio aéreo a 4.126 lanchas de desembarque e a 1.123 navios de guerra.

A maioria dos navios são velhas embarcações reformadas e adaptadas. A improvisação também se reflete em suas tripulações — muitos são *marinheiros de primeira viagem*. Nada disso, porém, os impedirá de vencer as ondas de dois metros, os ventos contrários e as minas alemães do canal da Mancha.

De acordo com a Operação-Netuno, a ser cumprida do Dia D, o local de desembarque é dividido em cinco áreas — três britânicas e duas americanas. Partindo do ponto de encontro — a ilha de Wight — as embarcações deverão navegar em leque e atingir as seguintes zonas convencionais do litoral da Normandia:

— Sword (3.^a Divisão britânica, 4.^a e 27.^a Brigadas blindadas, 51.^a Divisão Highland e 6.^a Divisão Aerotransportada): estende-se da foz do rio Orne à pequena estação balneária de Lion-sur-Mer. Esta região é importante porque fica nas proximidades de Caen, a porta de saída da Normandia para Paris. Sword deverá ser tomada no Dia D.

— June (3.^a Divisão canadense, 2.^a Brigada blindada e 4.^a Brigada de serviço especial canadenses) — a oito quilômetros a

Oeste de Lion-sur-Mer. Os aliados deverão aí, durante o primeiro dia, ultrapassar a estrada de Bayeux a Caen e se apoderar do aeroporto de Carpiquet.

— Gold (50.^a Divisão britânica, 49.^a Divisão de Infantaria, 7.^a e 8.^a Divisões blindadas): aqui, os soldados terão de se apossar da localidade de Arromanches-les-Bains, construir um pôrto artificial e libertar a subprefeitura de Bayeux.

— Omaha (1.^a, 2.^a e 29.^a Divisões de Infantaria americanas): a ponta de Hoc será aí o alvo principal — no alto do rochedo fica uma bateria nazista de seis peças, com um alcance de 22 mil metros, *a mais perigosa de toda a Mancha*. As tropas deverão, ainda, atacar Isigny e Trévières, partindo em seguida em direção a Carenten.

— Utah (4.^a, 9.^a, 79.^a e 90.^a Divisões de Infantaria americanas): esta *praia miserável*, na opinião de Eisenhower, é cercada de pântanos. Vencê-los, penetrar na península de Cotentin, ocupar Sainte-Mère-Eglise e se apoderar de Cherbourg serão os objetivos das quatro divisões.

O apoio aéreo às zonas americanas será dado por duas divisões aerotransportadas, 13.200 pára-quedistas, 822 aviões e 900 planadores com bombas. A 101.^a Divisão controlará as saídas da praia de Utah, impedindo que os nazistas bloqueiem as estradas zona Sword, próximo à embocadura de desembarcar. A 82.^a Divisão deverá ocupar o planalto de Sainte-Mère-Eglise e conquistar uma cabeça de ponte junto aos rios Douve Merderet.

Já a 6.^a Divisão Aerotransportada britânica penetrará na costa francesa pela zona *Sword*, próximo à embocadura do Orne. Seus pára-quedistas prepararão terreno para o desembarque das tropas inglesas e abrirão caminho para a tomada de Caen.

Uma visão de guerra

De janeiro a junho de 1944 — enquanto na Inglaterra as forças de invasão da França se prepararam para o Dia D — os aliados conseguiram importantes vitórias nos três *fronts* de luta.

A 22 de janeiro lançam uma ofensiva na Itália. A linha alemã, que se estendia do Sul dos Apeninos até o Mediterrâneo, protegendo Roma, começa a ser forçada no dia 11 de maio. A 25 do mesmo mês, tropas anglo-americanas se reúnem ao 5.º Exército aliado, enquanto soldados canadenses e franceses alcançam o vale do rio Liri, perto de Roma. Finalmente, a 30 de maio, inicia-se a batalha pela tomada da capital. Cinco dias depois, os aliados entram em Roma e na manhã seguinte, a 5 de junho, Victor Emanuel III abdica.

Na frente oriental, o exército russo liberta cidade após cidade. Em janeiro, 10 divisões nazistas são cercadas. Os alemães são expulsos de Leningrado, o rio Dnieper é recuperado e os soviéticos atravessam as fronteiras romenas. Em abril, penetram na Tcheco-Eslováquia e, pouco depois, já estão ameaçando os centros vitais do *Reich*.

No Pacífico, a guerra também favorece os aliados. Os america-

nos recuperam posições perdidas e vão fechando o cerco em torno do Japão.

O lado alemão

Na França inteiramente ocupada, os nazistas sabem que a invasão dos aliados é certa e iminente.

"O inimigo nos espera, mas eles sabem *onde, quando e como?*" — pergunta Churchill em *The Second World War*.

Realmente, por nada saberem, os alemães tentam deduzir. Apontam Calais (porto francês, em frente à cidade inglesa de Dover) como o local mais provável para o desembarque, por oferecer melhores possibilidades e ser o ponto geograficamente mais próximo da Inglaterra. Quanto à data, os nazistas imaginam que, tecnicamente a travessia da Mancha só poderia ter êxito se realizada sob condições meteorológicas favoráveis. A tática adotada pelos aliados contribui para enganar o inimigo: simulam concentrações de tropas em Kent e Sussex (cidades perto de Dover), realizam exercícios nas praias próximas, intensificam as comunicações telegráficas na região.

"Fazíamos muito mais vôos de reconhecimento sobre as áreas aonde não iríamos do que sobre os lugares em que desembarcávamos. O resultado final foi admirável. O Alto Comando alemão acreditou firmemente nas falsas evidências que lhe armamos. Rundstedt, o comandante da frente ocidental nazista, estava convencido que Calais seria o nosso objetivo", — revelaria Churchill em seu livro.

Cientes da invasão, os alemães tratam de aumentar os reforços da *Fortaleza Europa*, que já não justificava seu nome — o *front Leste*, onde lutavam os Exércitos nazista e soviético, absorvera os elementos mais vigorosos da região Oeste européia (75% dos efetivos), mandando-lhe, em troca, as sobras. Conseqüentemente, eram homens mutilados, com queimaduras, provocadas pelo frio, afetados por perturbações visuais, auditivas ou respiratórias, as forças que guarneciam a frente Ocidental. Ai, a grande baixa sofrida pela *Wahrmacht* no Leste — 2.086 mil soldados fora de combate em 1943 — se reflete por um padrão físico e militar inferior. A idade média das tropas ultrapassa 40 anos e muitos oficiais, alguns cegos de um olho, sem um braço ou uma perna, são cinqüentões ou sexagenários.

Esta falha, contudo, é rudemente criticada por Rundstedt, em novembro de 1943: "Não é admissível que o Oeste continue a ser enfraquecido em benefício dos outros locais de operação. Uma brecha inimiga no Ocidente traria, em curto prazo, conseqüências desastrosas e incalculáveis. É preciso reforçar a *Fortaleza Europa*."

Hitler ouve a advertência. Retira Rommel do comando da Itália, confia-lhe a missão de inspecionar as defesas do Atlântico, depois, o comando do Grupo dos Exércitos B, cujo setor se estende da fronteira germano-holandesa até a foz do Loire, ao sul da península da Bretanha. A construção da Muralha do Atlân-

tico — a *Westwall* de Rommel — começa.

Esta parede, com que os nazistas pretendiam deter a invasão da França, é uma realidade mas jamais representou o sistema de fortificações sem falhas, descrito por Gobbels e Rommel ("nem um rato passaria por ela"). Bolonha, Havre e Cherburgo são fortalecidas e algumas obras construídas em Calais. O resto, entretanto, praticamente só fica no esboço. Apenas um terço das 15 mil pontes de concreto planejadas são instaladas até maio de 1944. Dos 547 canhões para defender o litoral, só 299 estão protegidos por casamatas.

Obstáculos para dificultar o acostamento dos navios e a descida dos pára-quedistas aliados são outras preocupações de Rommel. Com os materiais disponíveis, ele passa a improvisar: enterra trilhos ligados por solda (*ouríços tchecos*) e grades de vigas de aço nas áreas descobertas pela maré baixa; fabrica *hexágonos* de concreto com betoneiras aliadas cravadas em cada uma das faces, prepara os *cavalos de frisa*, armados de minas ou gumes cortantes para explodir e estripar as embarcações. Contra a aterragem dos aviões e para matar os pára-quedistas, enterra nas máquinas próximas os *aspargos* — estacas pontudas de madeira.

Apesar deste esforço desesperado em conter o desembarque aliado, Rommel, paradoxalmente, sabe que a guerra está perdida para os alemães e que a única maneira de limitar o desastre total é a queda de Hitler, antes da

derrota extrema. Em abril de 1944 estabelece contato pela primeira vez com a conjuração anti-hitlerista. Consente em participar do movimento, mas discorda de um dos objetivos do grupo: o assassinato do *Führer*. Rommel acha que, ao contrário, Hitler deve ser prêsó e julgado por um tribunal. Chega mesmo a acreditar na possibilidade de que o *Führer* abdique, vendo perdida a guerra. A realidade mostraria a Rommel, mais tarde, que ele estava redondamente enganado.

O apoio da resistência

Clandestinamente, enquanto os aliados e os nazistas se preparam para a invasão da Normandia, os agentes secretos e os *maquis* da Resistência Francesa estão agindo.

Três meses antes do desembarque, Claude de Baissac, o *comandante Michel*, desce de pára-quedas no norte da França. Sua missão é reunir, treinar e armar grupos da Resistência para auxiliar os aliados. *Michel* entra em contato com o líder Louis Pétri, conhecido como *comandante Lulu*, e logo os *maquis* intensificam suas ações na região normanda: dinamitam túneis, descarrilam trens, sabotam as vias de acesso a Paris, derrubam torres de transmissão de energia elétrica, desorganizam o sistema de comunicações e de transportes das tropas alemãs.

"O quartel-general do meu Exército é frequentemente isolado do resto da França. Em muitas ocasiões, nossa linha telefônica e de transmissão de ener-

gia permanecem cortadas por vários dias" queixava-se Rundstedt a Hitler.

Dias antes da invasão, os grupos da Resistência vão para perto das praias da Normandia.

— Sabotamos vias férreas, paralisamos duas divisões alemãs e dinamitamos uma locomotiva, interrompendo a linha Redon—Rennes. Demolimos a ponte do Droulin, impedindo a ligação de Rennes com o leste, e bloqueamos outras estradas com árvores tombadas e buracos abertos na pavimentação — revelaria Claude de Baissac, recordando a véspera do Dia D.

"Atacaremos amanhã"

Os preparativos aliados para a libertação da França terminam. Chega junho. No começo do mês, as possibilidades de desembarque serão ideais: a maré, primeiro baixa, para permitir a demolição dos obstáculos; depois, alta, possibilitando aos navios chegarem até às praias; — o luar, facilitando a ação dos para-quadristas. Só havia uma dúvida: marcar o Dia D e a Hora H.

As condições meteorológicas, contudo, não poderiam ser esquecidas. Se, por um lado, era impossível os aliados adivinharem que em tal dia, às tantas horas, o tempo estaria bom, por outro, sabiam que apenas três dias — 5, 6, 7 — daquele período de luar reuniam as exigências indispensáveis. Escolhem o dia 5. Caso uma razão imperiosa obrigasse, no último momento, a retardar a operação, adiariam-na para 6 ou 7.

Noite do dia 4: chega uma informação alentadora — o tempo poderia melhorar um pouco no dia 6.

França, dia 5: Rommel deixa seu QG — o castelo de La Rochefoucauld — e viaja para Herlingen. Quer passar a noite em casa, festejando o aniversário da mulher, e no dia seguinte encontrar-se com o *führer* em Obersalzberg. No seu diário está escrito: "As marés dos próximos dias são muito desfavoráveis para um desembarque iminente" e Rommel deixa a Normandia despreocupado. Spidel, chefe do Estado-Major de Rommel, anota em seu relatório: "5 de junho é um dia calmo".

Inglaterra, madrugada chuvosa do dia 5: o Comando Supremo dos Aliados se reúne — Eisenhower e o chefe do seu Estado-Major, General Bedell Smith; e Marechal-do-Ar Arthur Tedder, adjunto do Comando Supremo; Almirante Sir Bertrand Ramsey, comandante das frotas e os Generais Bladley e Montgomery. Eisenhower escreveria mais tarde:

"... o coronel Stagg entrou e mostrou seu relatório meteorológico. Explicou que entre as depressões que avançavam em direção à costa francesa se intercalava uma zona de alta pressão, capaz de, a partir do dia 6, provocar 36 horas de tempo bom. Só precisel de alguns segundos para me decidir. Eram 14h15min do dia 5:

— Senhores, atacaremos amanhã!"

O Dia D e a Hora H estavam marcados: 6 de junho de 1944, 6h35min.

meios de Comunicação Social tornaram-na mais generalizada, ao alcance de todos, fazendo surgir a Informação Pública, a exigir também regulamentação mais extensiva desde ser declarada como um direito do homem.

Assim, regendo a matéria, muito já existe, desde a Conferência INTERAMERICANA SOBRE PROBLEMAS DE GUERRA E PAZ, realizada na cidade do México, em 7 de março de 1945 até o CONCÍLIO VATICANO II, findo em 1966.

Nossa legislação trata largamente do assunto em seus dois aspectos principais, informações para o chefe e para o público embora, desta forma não os classifique.

De uma consulta feita aos dicionários de várias línguas, extraímos as seguintes explicações:

Nos da língua portuguesa (AULETE, C. FIGUEIREDO e LAUDILINO FREIRE):

INFORMAR — or. lat. *informare* — dar notícias, informação ou conhecimento — avisar, dar informe ou parecer — contar — participar — tomar conhecimento ou notícia de alguma coisa, inteirar-se, inquirir, confirmar, corroborar, apolar, secundar, instruir: de forma e regra de informar o povo;

INFORMAÇÃO — or. lat. *informatio, informationem* — Ação de informar-se ou informar, notícia recebida ou comunicada, instrução, direção, indagação, inquirição, investigação — Ato ou efeito de informar — Transmissão de notícias, de conhecimentos, comunicação, instrução;

INFORME — notícia ou instrução que se dá de um negócio, sucesso ou acerca de uma pessoa;

INTELIGÊNCIA — or. lat. *intelgentia* — Compreensão, conhecimento profundo — interpretação do sentido, de uma proposição, de uma frase — ajuste, acôrdo, conclusão, comunicação — correspondência secreta entre duas ou mais pessoas para algum intento ou enganar alguém — habilidade, destreza;

NOTÍCIA — exposição sumária de um acontecimento.

No da língua espanhola (DICIONÁRIO DA ACADEMIA ESPANHOLA):

INFORMAR — or. lat. *informare* — inteirar-se, dar notícia de alguma coisa. Antigo formar, aperfeiçoar a alguém pela instrução ou boa criação — dar forma substancial a alguma coisa;

INFORMACIÓN — or. lat. *informatio, informationis* — Ação ou efeito de informar ou informar-se — averiguação jurídica. Ant. educação, instrução — averiguação sobre algum assunto